



A EMOÇÃO NO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM

Daniela da Silva Pereira Alcamim
(UFMS)

RESUMO: Esta pesquisa surgiu da indagação da alma sobre a importância da emoção na dimensão ensino-aprendizagem e tem como o objetivo provocar a reflexão dos profissionais da educação, tendo como fator primordial, considerar a perspectiva do ser humano integral. Destacando o reflexo da emoção no ensino-aprendizagem, a pesquisa foi realizada através de revisão bibliográfica, utilizando-se das teorias de Wallon e Maturana, que nortearam o conceito de humanização da inteligência e o estudo das emoções considerando o ser humano integral em seus aspectos cognitivos, afetivos, biológicos e motor sendo indissociáveis durante seu desenvolvimento. O presente trabalho tem por finalidade evidenciar a importância da emoção no processo ensino-aprendizagem e propõe auxiliar os profissionais da educação a observar considerar que um componente emocional pode interferir decisivamente no processo educacional do aluno. Com os estudos, conclui-se a importância das emoções no processo de ensino-aprendizagem, tendo em vista que o desenvolvimento do indivíduo acontece de forma integral, dessa forma é necessário considerar as emoções envolvidas no processo de ensino-aprendizagem. Por fim, a pesquisa serve como ponto de apoio aos profissionais da educação, compreendendo que a desconsideração em relação a emoção pode implicar decisivamente no processo de ensino-aprendizagem.

Palavras-chave: Emoção; Ensino-aprendizagem; Aluno.

EMOTION IN THE TEACHING-LEARNING PROCESS

ABSTRACT: This research arose from the soul's inquiry about the importance of emotion in the teaching-learning dimension and aims to provoke the reflection of education professionals, having as a primary factor, consider the perspective of the integral human being. Highlighting the reflection of emotion in teaching-learning, the research was conducted through literature review, using the theories of Wallon and Maturana, which guided the concept of humanization of intelligence and the study of emotions considering the integral human being in its aspects. cognitive, affective, biological and motor aspects, being inseparable during its development. This paper aims to highlight the importance of emotion in the teaching-learning process and proposes to help education professionals to consider that an emotional component can decisively interfere in the student's educational process. With the studies, it is concluded the importance of emotions in the teaching-learning process, considering that the development of the individual happens integrally, thus it is necessary to consider the emotions involved in the teaching-learning process. Finally, the research serves as a support point for education professionals, understanding that the disregard of emotion can decisively imply in the teaching-learning process.

Keywords: emotion; teaching-learning; student.

Introdução



A presente pesquisa tem como objetivo pensar nas implicações das emoções no processo de ensino-aprendizagem. Iniciou-se em uma tentativa frustrada, porém não deixada de lado de pesquisar o assunto ainda na graduação de Pedagogia, realizada na Universidade Paulista - UNIP, na cidade de Santos, São Paulo. Enquanto haviam diversas abordagens tratadas pelos colegas de sala, não menos importantes, voltadas para o comportamento “anormal” da criança estar relacionado á dislexia, transtorno de déficit de atenção e hiperatividade, hiperatividade e a outros tantos nomes que estavam sendo pesquisados pela turma, algo faltava. Não haviam pesquisas voltadas para a percepção da criança como um ser passível de ser afetado por situações comuns como separação dos pais, morte de familiares ou animais, mudanças, que poderiam interferir em sua atenção, comportamento e aproveitamento durante as aulas. Na universidade, as professoras que já trabalhavam na área faziam comentário rotulando essas crianças sem antes buscar compreender o contexto em que elas se encontravam, aliás, como elas mesmas diziam, eram crianças condenadas ao fracasso porque eram indisciplinadas e não demonstravam desenvolvimento satisfatório. Muitas questões ficaram sem respostas. O que será que essa criança sente? Com quem será que ela vive? Será que ela está triste?

Durante atuação de três anos no programa Escola da Família, alguns aspectos em relação as emoções no indivíduo foram passíveis de observação. Adolescentes envolvidos em contextos sociais desfavoráveis desempenharam melhora considerável quando me aproximava antes de iniciar um projeto, o envolvimento deles era surpreendente. Durante minha atuação em instituições que ofereciam a aprendizagem profissional, antes de começar a aula eu conversava com os alunos sobre o que eles quisessem. Quando a aula iniciava eu conseguia a atenção e a participação da sala de forma incrivelmente efetiva. É necessário considerar as emoções como fator preponderante para atuação do professor em sala de aula durante todas as fases que permeiam a educação escolar na vida do aluno.

As emoções estão presentes na existência do indivíduo desde seu nascimento e o contexto escolar está inserido neste processo. Segundo Galvão 2011, a construção do ser humano é estabelecida através de relação com o outro. Essas relações podem ser positivas ou negativas e refletem na vida do indivíduo por toda sua existência.

Na adolescência, os conflitos emocionais estão extremamente presente na vida do aluno. Conforme os afetos emocionais durante o período escolar se acumulam sem intervenção



psicológica, educacional ou familiar, o suicídio na adolescência acaba se tornando uma saída limite como meio de sanar as dificuldades encontradas ao longo de seu desenvolvimento (BRAGA; DELL'AGLIO, 2013). Sendo assim, torna-se necessário e importante para a escola auxiliar os profissionais e familiares no combate a prevenção tal fenômeno.

É notável o problema de saúde pública em relação ao suicídio que atinge os jovens em idade escolar, sendo assim os envolvidos com a educação precisam se atentar quanto às ações necessárias para combater esse problema que têm crescido na população juvenil.

A pesquisa tem como questão norteadora: Os profissionais da educação consideram em suas pedagógicas as emoções do aluno? Através dessa pergunta, torna-se imprescindível a tentativa de compreender os aspectos emocionais que afetam o ensino-aprendizagem e o papel do professor no ambiente escolar.

Humberto Maturana, nascido em 1928, de origem Chilena, formou-se doutor em Biologia pela conceituada universidade de Havard, atuou na área da neurofisiologia e como professor na Universidade do Chile desde o ano de 1960. Sua complexa teoria considera as emoções caracterizadas por expressões corporais atuantes que demonstram os domínios de ações onde em determinados momentos são operacionalizadas pelo indivíduo (MATURANA, 2001).

Em seus estudos, Maturana (2004), descreve sobre a atuação do professor em sala de aula voltada para a prática educativa. Para ele tal prática é uma forma de linguagem, uma maneira de se comunicar e a forma que o professor estabelece sua prática em sala de aula terá relação direta ao modo que o aluno se relacionará com o aprendizado. Eles observam e sentem as atitudes do professor em todo seu contexto. Podemos, pois, destacar a afetividade como fator primordial no desenvolvimento do aluno. As emoções causam marcas que refletem no meio humano social durante toda sua existência.

O afeto, de acordo com Safatle (2015) é a ação do outro sofrida pelo indivíduo, uma espécie de substrato de nossas vidas, portanto, é possível afirmar que ele é a base para a constituição da inteligência interpessoal, a inteligência emocional, a motivação, o temperamento e a personalidade do indivíduo.

Os afetos estão diretamente ligados à capacidade da percepção a todos os tipos de estímulos do organismo e nos sinalizam situações-problema que o indivíduo enfrenta em seu cotidiano. Em suas pesquisas, Henri Wallon (2007), por exemplo, dá ênfase ao ser humano integral e ao quanto os afetos contribuem para sua formação, moldando-o desde seu nascimento até a idade adulta.



Dessa forma, é relevante considerar em todas as práticas educativas o estado emocional que envolve o indivíduo em sala de aula, porque é ele, fundamentalmente, que caracterizará a ação que afetará diretamente a cognição e a capacidade de percepção do educando.

Para Vygotsky (2003), a emoção é tão importante quanto o pensamento (por esse motivo, necessita de diversos estímulos) e a educação é decisiva nas mudanças dos sentimentos e na reeducação das emoções. Para o autor, a personalidade é constituída nas constantes alterações e redefinições do indivíduo referentes às circunstâncias que caracterizam o drama da existência, resultado de uma resposta dinâmica e singular. Logo que nasce, o bebê é afetado fortemente por sentimentos como medo e insegurança, que são amenizados no momento em que é acalentado pelo aconchego da mãe. Esta atitude gera diversos processos neurosensoriais que farão parte da percepção do bebê no processo de maturação. De acordo com Vygotsky (1994), suas concepções teóricas informam que o desenvolvimento da estrutura mental da criança é estabelecido por dois processos que, mesmo conexos, são de naturezas distintas e condicionam-se mutuamente. Desta forma, a maturação da criança depende do desenvolvimento do sistema nervoso e, simultaneamente, a aprendizagem se estabelece no processo de desenvolvimento progressivo.

O processo de maturação serve de base para o processo de aprendizagem, este, por sua vez, desenvolve o processo de maturação e o fará avançar até determinado ponto. Assim, existem dois processos interdependentes. Ainda que o autor demonstre que a emoção não é menos importante que a cognição, para entender o funcionamento da emoção, é necessário conhecer o cérebro humano, de como o processo de maturação acontece e como opera a aprendizagem, quais áreas do cérebro estão interligadas e quais processos são desencadeados ao relacionarmos estímulos, conhecimento e memorização de curto e longo prazo.

As emoções segundo Wallon

O autor Henri Paul Hyacinthe Wallon, de origem Francesa, nascido na cidade de Paris no ano de 1879, formado em psicologia e filosofia e trabalho como médico durante a segunda guerra mundial, auxiliando no tratamento de doenças psicológicas. Foi responsável pela fundação de um laboratório de psicologia biológica da criança, atuou como professor na Universidade Sorbonne e



foi eleito presidente do Grupo Francês de Educação Nova – responsável pela colaboração para a reestruturação do sistema de ensino da França, entre os anos de 1946 até 1962 ano em que morreu, na mesma cidade do nascimento, Paris. De suas pesquisas, muitas foram voltadas para compreensão o estudo da criança e da infância buscando informações sobre o indivíduo e buscando compreender a concepção da inteligência na criança. Suas teorias consideram o indivíduo em sua totalidade e buscou compreender o desenvolvimento afetivo, cognitivo, motor, em sua totalidade, esses, por sua vez, se estruturam como campos funcionais. Preocupava-se com o relacionamento do indivíduo com o meio e os fatos ocorridos em cada etapa do processo de desenvolvimento. Como estrutura analítica e referencial epistemológico utilizada para construir sua teoria, o autor baseia-se sobre concepção do materialismo histórico-dialético de Marx e integra também outras teorias.

Os estudos de Wallon referente às emoções possibilitaram diversas reflexões sobre o assunto. Em alguns momentos considerava a emoção de forma negativa e em outros, positiva, Wallon, utilizou dessa dualidade de percepção para compreender os aspectos e influências emocionais sobre o indivíduo. Para ele, a emoção não pode ser observada isoladamente de outras características que compõe o ser humano, mas incorporada ao desempenho da inteligência, da motricidade e do social e, dessa forma, essencial para a sobrevivência do indivíduo. Wallon, não observa a criança subdividida e por esse motivo, ao estudar as características afetivas, considera as dimensões do indivíduo: o cognitivo, o biológico, o afetivo, auxiliado pelo social. O indivíduo, em sua totalidade dialética, compõe essas quatro características, sendo considerado incoerente o estudo de qualquer item isoladamente. Em suas concepções trata que todo indivíduo é afetado tanto por elementos exteriores quanto por elementos interiores e através de instinto os responde. Esse processo, que recebe o nome de afetividade e é primordial para o desenvolvimento humano, pois a criança ao possuir a percepção de si, do outro e do mundo exterior, constroem estruturas na relação com o mundo e com o outro. É justamente dessa construção emocional que se fortalecem as funções simbólicas, o exercício intelectual e as condutas sociais ajustadas. Para Wallon, (1969), as emoções representam a exteriorização da afetividade e se adapta através do meio social. Considera que a afetividade favorece precocemente as manifestações psíquicas da criança, que está diretamente interligada às suas necessidades imediatamente logo após o nascimento.

Assim, o autor retrata a afetividade como fator crucial na formação do indivíduo, desta forma, compreendida como mecanismo de sobrevivência do ser humano, considera a emoção primordial para unir os indivíduos e as ações que ocorrem entre si formam posteriormente a



estrutura da consciência (WALLON, 2007). Assim, descreve que através dos experimentos das sensações, o indivíduo criará estruturas para compreender cada fase de desenvolvimento em todo contexto social, emocional e cognitivo, pois a criança não é capaz de se auto compreender, o auxílio a essa compreensão compete ao adulto. À criança, compete viver sua infância (WALLON, 1968).

Segundo Galvão (2011), Wallon observa que a afetividade envolve a manifestação das emoções e essas manifestações refletem alterações orgânicas. É através das emoções que o indivíduo é capaz de expor suas necessidades. As formas de exposição das emoções se estruturam com o passar do tempo tornando-se moldáveis. Segundo as concepções de Wallon (2007), a emoção inata surge imponderável, explosiva e descontrolada. Esse é um dos principais motivos pelos quais é pouco abordada nas práticas educativas. Dessa forma, é importante que os profissionais busquem compreender os aspectos que envolvem a emoção no indivíduo e, assim, consigam conciliar as práticas necessárias para auxiliar o trabalho escolar, utilizando o aspecto afetivo como fator relevante no ambiente educacional, até porque o indivíduo se desenvolve como sujeito também através das relações coletivas em sociedade. Ainda, Wallon (2007) descreve em sua obra a correlação simultânea entre os sistemas orgânicos e psíquicos estimulado pela emoção o que resulta em estruturas para a aquisição do conhecimento durante toda a vida do indivíduo.

Quando Wallon iniciou seus estudos acadêmicos (1925), encontrava-se nos ideais psicológicos uma divisão de ideias relacionadas à psicologia da criança. Ou o estudo era voltado para o cognitivismo ou voltados para o afetivo-social. Suas pesquisas procuraram superar essa divisão. O meio social, assim, pode determinar o desenvolvimento humano, permitindo sua concretização. Os métodos de Henri Wallon consideravam o estudo das condições orgânicas e sociais para que se pudesse entender como se constrói o plano cognitivo e a personalidade.

A emoção está presente na vida do indivíduo desde a concepção e é compreendida como instrumento de sobrevivência, capaz de mobilizar o ambiente para atender suas necessidades básicas e estabelecem relações entre a vida orgânica e psíquica. Assim, segundo Dantas:

[...] a atividade emocional é complexa e paradoxal: ela é simultaneamente social e biológica em sua natureza; realiza a transição entre o estado orgânico do ser e a sua etapa cognitiva, racional, que só pode ser atingida através da mediação cultural, isto é, social” (DANTAS, 1992, p.85).



Conforme citação, até mesmo antes dos bebês começarem a falar, as expressões emocionais garantem a sobrevivência e interação com o meio que a criança está vinculada. Desde o primeiro momento do desenvolvimento humano, as sensações motoras surgem repletas de significado e sentido afetivo. No instante em que o afeto atinge a emoção, o indivíduo sofre, através de sensações, as modificações respiratórias, os batimentos cardíacos, os músculos da face alterando instintivamente a cognição e a percepção, enfim, toda experiência transpassa as fases do desenvolvimento humano, conforme esse desenvolvimento acontece, a emoção é tomada por novas estruturas, com novas percepções e através dessa construção estabelece significado cognitivo, assim Wallon descreve:

Cada idade da criança é como um canteiro de obras cuja atividade presente é assegurada por certos órgãos, enquanto se edificam massas imponentes, que só terão uma razão de ser em idades posteriores. O objetivo perseguido é apenas a efetivação do que o genótipo ou germe do indivíduo continha em potência. O plano segundo o qual cada ser se desenvolve depende, portanto, de disposições que ele recebeu de sua primeiríssima formação (WALLON, 2007, p.31).

Sendo assim, a criança precisa lidar, ao mesmo tempo, com os conflitos de fatores biológicos e fatores de ordem social, utilizando mecanismos adquiridos através de suas experiências anteriores para estruturar suas emoções, construindo-se como indivíduo em sua totalidade.

As emoções e o ser humano

O homem sempre buscou explicações para se autocompreender. Foi através dos estudos da alma que muitos filósofos descreveram o que não é matéria referente ao ser humano (pensamento, sentimento, desejos, sensações e percepção). Na procura da definição do indivíduo, os estudos científicos adotaram diversos critérios. A descrição do homo sapiens, homem pensante e que se comunica, direcionou a ciência para estudos mais aprofundados em relação a esse campo. O estudo dualista de Descartes, deu início ao racionalismo que sustentou a prioridade da razão e a



capacidade de pensar sobre os sentimentos e a vontade. Descreveu a frase: “Penso, logo existo” assumindo uma hierarquia onde o pensamento é superior aos sentimentos (ARANTES, 2003).

Damásio (2000) acrescenta essa percepção de inseparabilidade de corpo e mente. Para o autor, a emoção subsidia o raciocínio. Os muitos sistemas cerebrais funcionariam interligados, de uma maneira que os sentimentos e as emoções seriam como guias internos, tão cognitivos quanto todas as outras funções mentais.

Segundo Miller (2003), o afeto é a expressão das emoções. Após uma criança ter supridas suas necessidades, ela começa a procurar estímulos fora de seu ambiente comum. Expressões afetivas ou emocionais tornam-se uma forma primordial de comunicação. O ser humano desde seu nascimento compreende que demonstrando suas emoções como consequência de suprir uma necessidade tem para si atenção requerida.

As emoções foram classificadas por Murray (1967) como reflexo fisiológico e psicológico que causa efeito na percepção, aprendizagem e desempenho. As emoções causam sensações que desestabilizam o indivíduo e em cada momento que a experimentamos, imediatamente temos uma ação como resposta. Dessa forma, Wallon (1986) descreve que as emoções causam impactos no organismo do ser humano e sendo o indivíduo integral, toda sua totalidade é alterada, cognitiva, biológica, psicológica e social.

Ainda segundo Wallon (2007), os impulsos causados pela emoção são reflexos das atitudes, que resultam na motivação, reação de auto ativação como forma de fuga dos controles habituais da conduta. Descreve a afetividade como um campo funcional amplo, com informações específicas que envolvem as emoções (reações manifestadas de ordem biológica), os sentimentos (manifesta reações psicológicas) e as paixões (onde pretende compreender as emoções e os sentimentos através da consciência lógica e realização, componente afetivo de ordem, ao mesmo tempo psicológica e biológica. As análises dos estados afetivos deverão vir juntas dos resultados fisiológicos que fazem parte das reações emocionais. O autor descreveu as emoções em duas características. A primária, refere-se às emoções que nascem conosco e que está vinculada aos nossos instintos. As emoções secundárias surgem através do desenvolvimento das anteriores, relacionadas às estruturas neurofisiológicas mais elevadas. O choro, gritos e outros comportamentos do bebê são demonstrações de suas emoções. Por meio dessa representação o recém-nascido consegue informar algo que o afeta. Devido sua ativação orgânica (não sendo



possível controlar através da razão) ocorre as sensações fisiológicas (aceleramento cardíaco) até demonstrações na face, sendo a mais visível expressão do afeto.

Quando o estado afetivo alcança seu grau de profundidade, os sentimentos surgem de uma forma mais duradoura e complexa, sendo assim, as inúmeras emoções podem ser organizadas de acordo com as diversas características de ordem ou desordem, agradáveis ou desagradáveis, aproximação ou distanciamento, entre outras. Entretanto, observa-se que o comportamento emocional sofre alteração ao longo do tempo, modificando-se de acordo com o desenvolvimento do indivíduo.

A afetividade e o aprendizado

Como já descritos nos capítulos anteriores, existem diversas definições sobre a palavra afeto, segundo Pino (1997), é necessário que haja percepção quanto aos fatores que envolvem as emoções devido seu grau de efetividade na vida do indivíduo. Ainda segundo o autor, as transformações afetivas transparecem conforme os acontecimentos individuais do ser humano, suas ações definirão sua atuação na sociedade, essas ações provocam o modo das pessoas que o cercam, e consecutivamente sua posição diante dos acontecimentos que terá que enfrentar como consequência, positiva ou negativamente. Wallon descreve:

À emoção compete novamente unir os indivíduos, através das suas reações mais orgânicas e mais íntimas, tendo esta confusão como consequência as oposições e os desdobramentos de que poderão ir gradualmente surgindo as estruturas da consciência. (WALLON, 1968. p. 151).

Dessa forma, o indivíduo aprende através de sua cultura e interação com outras pessoas que o cercam, com esse envolvimento, o sentimento que aparece é o agente motivador da atividade cognitiva, sendo assim, “entre a emoção e a actividade intelectual existe a mesma evolução, o mesmo antagonismo” (WALLON, 1968, p. 152). Assim, a emoção e a cognição são indissociáveis. Embora apresentem características distintas, qualquer ação e pensamento integram atividades cognitivas, representada pelas estruturas mentais, e uma característica afetiva, representada por uma “atividade”, que é a afetividade. A partir do momento que existe esse conhecimento em relação ao



outro, o processo de interação e afetividade melhoram mutuamente, proporcionando qualidade no processo ensino-aprendizagem.

Segundo Camargo (2004), a afetividade influencia significativamente na inteligência, no desenvolvimento humano, nas características emocionais, sociais, nos relacionamentos e primordialmente na aprendizagem. É exatamente o conjunto de sentimentos que funcionam junto no psicológico do indivíduo. No dia a dia são as emoções e todos os sentimentos que a envolvem que manifestam suas características na vida afetiva.

No contexto escolar não é diferente. Os alunos passam por diversas adversidades que causam influência em suas emoções e consecutivamente em seu aprendizado. Para Saltini (2008), o afeto construído em sala de aula aumenta as possibilidades da aprendizagem. Essa interação é essencial para o suporte afetivo do conhecimento. Isso resulta que num processo de ensino-aprendizagem deve acontecer relativamente através de uma relação efetiva de respeito mútuo e colaboração dos envolvidos, para entender o aluno é necessário que ele seja ouvido. Dessa forma é possível compreender que o ambiente escolar deve ser um local em que a afetividade aconteça reciprocamente como meio que torna possível a aprendizagem, a compressão de valores e princípios proporcionando vasta possibilidade na formação do indivíduo.

É nesse sentido que os educadores podem se atentar em relação ao aluno, considerando o indivíduo como um ser que está na sociedade e sofre afetos a todo momento, sendo assim por vezes, a razão do não aprendizado não é a didática nem suas práticas de ensino do professor, mas algum problema emocional que acaba não sendo percebido pela escola e corpo docente. A detecção do problema que afeta o aluno, quando percebido, compõe uma ordem de ação por parte do professor. Há outra, porém, produzido pela própria escola. Assim,

[...] além de ignorar a afetividade, a escola é, muitas vezes, repressora das emoções, considerando alunos educados, os mais competentes em sufocar seus sentimentos, sendo lamentável “constatar que ensinar crianças e adolescentes a se ‘comportarem’, reprimindo suas emoções, tem sido uma das ‘grandes’ tarefas dos professores” (CAMARGO, 2004, p. 22).

É fato que o professor possui em suas atribuições diversas características que, por vezes, acabam dificultando a visibilidade dos aspectos emocionais no aluno. Porém, não se pode ignorar o quanto é importante nas relações de afeto é o papel do professor em seu “poder” do diálogo, “poder” este que aproxima o aluno construindo vínculo entre as partes. O professor, pode auxiliar



de forma eficaz no processo produtivo diante da dificuldade do aluno. A interação com o professor e o interesse do mesmo despertar situações de curiosidade servirão de alavanca para o aprendizado e criatividade: A importância para com o aluno acontece na medida em que se busca comunicação, integração a partir da comunicação com os demais”. (FREIRE. 1983, p.29).

Caso aconteça o contrário, quando o professor é desanimado ou desmotivado a ensinar, imediatamente, irá influenciar diretamente a aprendizagem dos alunos, como resultado, teremos baixo nível de aprendizado e desânimo em sala de aula. Ao mesmo tempo, é necessário o cuidado na aproximação do aluno para que o professor não perca a autoridade em sala de aula. Ressalte-se, mais uma vez, o lugar da emoção no processo ensino-aprendizagem, segundo Vygotsky:

A emoção não é uma ferramenta menos importante que o pensamento. A preocupação do professor não deve se limitar ao fato de que seus alunos pensem profundamente e assimilem a geografia, mas também que a sintam. [...] as reações emocionais devem constituir o fundamento do processo educativo. (VYGOTSKY, 2003, p.121).

Segundo o autor, o professor além de ensinar a matéria precisa sentir sua prática e assim afetar o aluno proporcionando conhecimento. Quando o professor consegue esse afeto é possível, quando acontece, a identificação de que algo impede o processo de ensino-aprendizagem do aluno e pode trabalhar para a reversão do quadro negativo.

Sendo assim, Saltini (2008) descreve que as escolas precisam compreender mais de seres humanos e de amor do que de matérias, disciplinas, conteúdos e técnicas educativas que tem fortemente contribuído para a produção de neuroses por não compreenderem de sonhos, de fantasias, de símbolos e de dores. Ademais, a escola assume uma tendência mecanizada, em que os alunos são enxergados como indivíduos voltados à reprodução técnica de orientações recebidas. Simultaneamente, a formação do pensamento está vinculada às bases afetivas. Por este motivo, a prática afetiva deve estar ligada ao processo educacional. Para tanto, o espaço escolar precisa proporcionar profissionais qualificados para conduzir as crianças em meio a novas descobertas e conhecimentos contribuindo para uma construção firme em sua base de desenvolvimento. O meio escolar deve oferecer um espaço de reflexão sobre a vida do aluno como um todo, contribuindo para o desenvolvimento de uma consciência crítica e transformadora.



A afetividade em sala de aula e as práticas pedagógicas

Segundo Piaget (1983), o funcionamento do intelecto acontece simultaneamente com as emoções. A afetividade está relacionada a diversas funções do nosso organismo, inclusive da aprendizagem, esta, essencial ao desenvolvimento do indivíduo em todos os seus aspectos. Considerando sua necessidade ao desenvolvimento em sala de aula, Camargo (2004), descreve que o vínculo afetivo é necessário à aprendizagem, mas a aprendizagem também auxilia na construção de um vínculo afetivo. Essa afirmação demonstra a relevância da observação atenta do professor ao planejar suas práticas pedagógicas voltadas para a necessidade do aluno emocionalmente afetado, porque tal compreensão é fundamental para o cumprimento dos objetivos pedagógicos da docência. O sentimento gerado a partir dessa prática estabelece vínculo. É importante que o professor compreenda a importância da complexidade desse processo, pois para atingir seu objetivo pedagógico dedicou-se a diversas tentativas, estudos, adaptações e planejamentos para conseguir transformar sua sala de aula em um campo de atividades, criativas e significativas. Desta forma, o professor pode buscar compreender a dificuldade do aluno, possibilitando, através de acompanhamento e observação, trazer novas estratégias em sala de aula, a fim de obter resultados positivos. O professor poderá realizar suas aulas de modo que afete o emocional do aluno, voltando sua atenção para a disciplina em questão, automaticamente mudará o foco do problema que o aluno está enfrentando e ainda, tornará o conteúdo significativo, segundo Vygotsky:

Se quisermos que os alunos recordem melhor ou exercitem mais o pensamento, devemos fazer com que as atividades sejam emocionalmente estimuladas. A experiência e a pesquisa têm mostrado que um fato impregnado de emoção é recordado mais sólido, firme e prolongado que um feito indiferente. Cada vez que comunicarem algo ao aluno tente afetar seu sentimento. A emoção não é uma ferramenta menos importante que o pensamento” (VYGOTSKY, 2003, p.121).

Conforme citação, as práticas educativas necessitam proporcionar aos alunos experiências que afetem sua emoção causando excitação e curiosidade pela busca de novos conhecimentos que façam sentido em sua vida. Não se pode negar que existam diversos aspectos que ocorrem em sala de aula, que oportunizam uma série de emoções como ansiedade, saudade, tristeza, alegria, confiança, insegurança, raiva, medo, constrangimento. Considera-se também, conforme já escrito,



que as experiências desses sentimentos implicam a cognição do indivíduo e é por esse motivo que as práticas docentes precisam buscar afeto emocional relevante na vida do aluno.

Em concordância com Vygotsky, Libâneo (1994), descreve os aspectos emocionais, onde se refere aos vínculos afetivos considerando a necessidade do professor mensurar autoridade e respeito. A autoridade deve servir de aliada a ação educativa e não impedi-la. O processo de ensino está ao mesmo tempo vinculado a direção da aprendizagem e orientação da atividade a fim de torná-la autônoma e independente para os alunos. É importante que o professor explique quais objetivos esperados para que os alunos saibam o que precisam compreender. O professor poderá mensurar as informações adquiridas pelos alunos também como resultado de sua prática pedagógica.

Ainda, segundo Libâneo (1994), o professor não deve somente transmitir informações, mas também deve ouvir o aluno. Dessa forma, é importante que o professor esteja atento quanto a todo processo, desde a entrada dos alunos em sala de aula, a despedida, pois, os alunos estarão diante de sua mediação e de todo planejamento realizado, para que não se perca o significado, que em determinados momentos, por exemplo, às aulas precisarão estar adequadas as condições emocionais do aluno, observando e considerando as necessidades individuais e peculiares do indivíduo. Assim, acresce-se a Fernández, o aspecto deliberativo do aluno que, a relação-professor aluno estabelece estrutura para o aprendizado.

Para aprender, necessitam-se dois personagens (ensinante e aprendente) e um vínculo que se estabelece entre ambos. [...] Não aprendemos de qualquer um, aprendemos daquele a quem outorgamos confiança e direito de ensinar (FERNANDEZ, 1991, p. 47 e 52).

Dessa forma é compreensível que toda prática educativa está envolta de ações afetivas e de relações sociais, os vários modos conduzidos pelo professor podem implicar essa outorga de que trata Fernandez, pois quando os professores adentram a sala de aula, um laço inevitável se forma nessa relação com o aluno. Sendo assim, “as relações afetivas se evidenciam, pois a transmissão do conhecimento implica, necessariamente, uma interação entre pessoas. Portanto, na relação professor-aluno, uma relação de pessoa para pessoa, o afeto está presente”. (ALMEIDA, 1999, p. 107).

Conforme citação, as relações em sala de aula estão repletas de afetos. Porém, por vezes o afeto reflete em mudança de comportamento, alteração na nota e atenção em sala, por vezes nas expressões faciais, segundo Murray (1967), as mais importantes expressões relativas às emoções



são evidentes porque transparecem na face, dessa forma fica evidente em sala em determinados momentos que algo atrapalha o aprendizado do aluno. Igualmente descreve Darwin (2000) sobre a igualdade mundial das expressões e gestos em todas diversidades de seres humanos, desta forma conseguimos identificar as expressões de emoção que outras pessoas transmitem mesmo sem ter tido o mínimo de contato com ela ou saber de sua vida. Mesmo com tantas diferenças entre cultura, costumes, hábitos, as expressões e demonstrações de emoções são iguais sem diferença de raça, cor e sexo. Com frequência, não é possível detectar os afetos em questão, no entanto o professor pode estar atendo a algumas manifestações que muito evidentemente se apresentam, assim pois é possível detectar comportamentos que indicam possíveis problemas que impossibilitaram o aluno de aprender, como por exemplo, algum indicador de certa anormalidade como aspectos do comportamento estranhos ao cotidiano. Certa vez estive em uma apresentação onde a palestrante, negra, falava que quando criança, todos os dias chegava cedo para sentar-se com as coleguinhas, porém, havia uma criança, branca, que chegava sempre atrasada e chorando muito, a professora tirava a menina negra da roda de colegas e a colocava entre os meninos porque ela era a única que se submetia a fazer um “favor” para a professora com intuito de fazer a outra menina parar de chorar. Nesse contexto, a professora nunca levou em consideração como a criança se sentia porque para a professora, certamente, resolver o problema do choro imediatamente era muito mais importante do que vir a se importar como a outra criança se sentia. Conforme relatado por ela, essa atitude trouxe consequências por toda sua vida porque diante de diversas situações conflituosas vivenciadas, a palestrante se sentia inferiorizada e incapaz, como ela mesma disse, sempre fazia favores, mesmo se sentindo infeliz, para melhorar a situação de outras pessoas. É perceptível diante dessa situação que práticas educativas inadequadas podem comprometer o aprendizado da criança e acarretar traumas irreparáveis. Assim, cabe ao professor procurar entender modos de auxiliar o aluno durante esse processo de ensino-aprendizagem pois a prática educativa sem considerar o estado emocional do aluno é incompleta.

Relações interpessoais em sala de aula

Em todos os momentos da vida do indivíduo, as relações de afetos estão presentes em todos os âmbitos de convivência com o meio social que ele está inserido. Em sala de aula essa realidade não é diferente. Porém vivemos em sociedade onde o indivíduo tenta mascarar os



sentimentos de amor, carinho e afeto, os substituindo por raiva, ambição e maldades para poder ser aceito em grupo de iguais mesmo indo contra sua vontade real:

A personalidade não é o “eu” enquanto diferente dos outros “eus” e refratário à socialização, mas é o indivíduo se submetendo voluntariamente às normas de reciprocidade e de universalidade. Como tal, longe de estar à margem da sociedade, a personalidade constitui o produto mais refinado da socialização. Com efeito, é na medida em que o “eu” renuncia a si mesmo para inserir seu ponto de vista próprio entre os outros e se curvar assim às regras da reciprocidade que o indivíduo torna-se personalidade. [...] Em oposição ao egocentrismo inicial, o qual consiste em tomar o ponto de vista próprio como absoluto, por falta de poder perceber seu caráter particular, a personalidade consiste em tomar consciência desta relatividade da perspectiva individual e a colocá-la em relação com o conjunto das outras perspectivas possíveis: a personalidade é, pois, uma coordenação da individualidade com o universal. (PIAGET, 1998 apud LA TAILLE, 1992, p. 16-17).

Conforme a citação de La Taille acima, por vezes, o aluno muda de atitudes a fim de que seja aceito em um determinado grupo ou ser notado pela sala e pelo professor, ainda que de alguma forma venha à ser prejudicado. Esse modo de proceder pode blindar o aluno de qualquer proposta pedagógica.

Quanto ao tema afetividade, o autor Russo Vygotsky (1994) descreve que o desenvolvimento em relação à afetividade se apresenta em dois níveis: desenvolvimento real ou afetivo e o desenvolvimento potencial ou proximal, em suma, o estado de zona proximal em que o indivíduo se encontra no presente será o nível de desenvolvimento real no futuro. O autor diz que os fatores afetivos e intelectuais estão interligados e sofrem interferências recíprocas.

Cada indivíduo possui sua história que é formada com o passar do tempo, trazendo em sua bagagem demonstrações de cultura, valores e sentimentos únicos, esses sentimentos influenciam às relações e, consecutivamente, no ensino-aprendizagem.

A realização pela criança do adulto em que deve torna-se não segue, pois, um caminho linear, sem bifurcações e desvios. As orientações mestras a que normalmente obedece não são menos uma ocasião frequente de incertezas e hesitações. Mas quantas outras ocasiões mais fortuitas vêm também obrigá-la a escolher entre o esforço e a renúncia! Elas surgem do meio – meio das pessoas e meio das coisas. A mãe, os amigos, os encontros habituais ou insólitos, a escola: outros tantos contatos, relações e estruturas diversas, instituições através das quais a criança quer quer não, deve inserir-se na sociedade (WALLON, 1968, p. 31)



Sendo assim, o percurso entre a infância até a vida adulta é repleto de desafios e descobertas que por si só proporciona à criança desenvolvimento social, cognitivo, biológico e motor. Na adolescência, período considerado “renovação de valores” (WALLON, 1968, p. 134) o jovem não consegue entender o contexto emocional em que se encontra e, por desconhecê-lo, também não consegue identificar e solucionar o que o incomoda e, assim, todos os campos de sua vida são afetados.

Atualmente, a sociedade está inserida em um contexto em que os responsáveis passam muito tempo em seu trabalho ficando a vida familiar em segundo plano. Essa lacuna vivenciada pelo indivíduo diante de suas relações familiares prejudicam o processo de aprendizagem por toda sua vida.

Essa realidade pode ser amenizada com a produção de laços afetivos em sala de aula, buscando compreender os problemas dos alunos e apontando possíveis soluções para que os mesmos possam conseguir êxito em sua aprendizagem. No entanto, como diz Freire a seguir, os laços afetivos enxergam a necessidade do ser humano, segundo Paulo Freire,

Como professor [...] preciso estar aberto ao gosto de querer bem aos educandos e à prática educativa de que participo. Esta abertura ao querer bem não significa, na verdade, que, porque professor, me obrigo a querer bem a todos os alunos de maneira igual. Significa, de fato, que a afetividade não me assusta que tenho de autenticamente selar o meu compromisso com os educandos, numa prática específica do ser humano. Na verdade, preciso descartar como falsa a separação radical entre “seriedade docente” e “afetividade”. Não é certo, sobretudo do ponto de vista democrático, que serei tão melhor professor quanto mais severo, mais frio, mais distante e “cinzento” me ponha nas minhas relações com os alunos, no trato dos objetos cognoscíveis que devo ensinar. (FREIRE, 1996, p. 159).

Segundo Freire, o professor que se dispuser a compreender o processo emocional do aluno possivelmente afetará positivamente sua vida, tornando a persistência pelo aprendizado motivada e as chances de desistência escolar diminuem.

Sobre a importância da emoção, não é por outro motivo que Maturana acentua seu papel, descrevendo que “é a emoção que nos faz decidir e agir”, Maturana (2001, p. 46). Em suas reflexões descreve que mesmo entre os animais não existe nada que não esteja fundamentado em uma emoção. Dessa forma não podemos entender que não existe atividade humana que não esteja fundamentada e baseada por algum tipo de emoção?



Em conjunto com os mais diversos conhecimentos que trazem consigo, é importante ressaltar que os profissionais da educação busquem compreender e discernir as emoções nos alunos. A empatia, poderia servir de pré-requisito inicial para atuar na profissão de professor, porque sem querer compreender o que o outro precisa ou sem querer entender sua ânsia em aprender e os desafios diante desse processo, o auxílio ao indivíduo se torna impossível (GOLEMAN, 2007). Goleman compartilha da percepção de 2001, onde descreve que não é a razão que explica a preocupação pelo outro, mas sim a emoção. Quando o indivíduo se dispõe em compreender emocionalmente a condição para aceitar o outro, os fatos em sua vida têm relevância para quem está envolvido com o indivíduo.

Muito professores não possuem a percepção das diversas áreas emocionais que envolvem seus alunos por considerarem acúmulo de função, porém essa percepção se faz necessária, pois, a “[...] questão de atitude, de sensibilidade e de humanidade; não há necessidade de se agir como psicoterapeutas, e sim como pessoas atentas, e que levam em consideração não só o desenvolvimento intelectual de seus alunos”. (NUNES, p.131, 2009).

Trabalhando na educação de jovens e adultos, um homossexual, está inserido diante de um grupo de mocidade como líder, ensina catequese, aproximadamente 17 anos, negro, sempre deixado sozinho pelos alunos, quando entra em sala ouve-se buchichos. Conversou comigo sobre desistir, conversei com o aluno por alguns momentos. Durante ausência do aluno em questão para tratar assuntos na secretaria, um colega de sala falou alto para que todos ouvissem descrevendo o aluno ausente como estranho, diferente. Imediatamente interrompi perguntando para toda a sala que não era diferente. Ainda relatei sobre o fato dele ser gay não o tornava menos humano, ou humano diferente. Minha posição, mesmo sem imaginar, trouxe reflexão para a sala de aula e mudança de atitude dos alunos para com o rapaz no mesmo dia do ocorrido. Os professores estão propensos a vivenciar diversas situações conflituosas no ambiente escolar, sendo assim, é necessário preparo para combater qualquer prática discriminatória e influências negativas que possam interferir na aprendizagem.

A partir das leituras para elaboração do artigo, é possível evidenciar que o professor possui um papel primordial como mediador na vida social e escolar do aluno, oportunizando a evolução de seu conhecimento sendo o afeto, condição fundamental que o professor poderá criar vínculo com os alunos, demonstrando importância nas experiências e histórias de vida do discente. O professor precisa estar consciente de sua responsabilidade, onde suas atitudes, considerando as



emoções dos alunos, serão capazes de tornar a aprendizagem efetiva. Sua percepção em relação ao aluno afetará diretamente o processo ensino-aprendizagem.

Considerações finais

O assunto é tão encantador quanto infundável. Durante a pesquisa, maior era o desejo de ler e compreender contexto e a relação entre emoção e ensino-aprendizagem. Através das leituras, foi possível compreender que os educadores percebem o estado emocional do aluno, porém, desvinculam a cognição da emoção. Mesmo que existam diversas teorias que relevem a afetividade como elemento indispensável do desenvolvimento do indivíduo, ainda a separam do processo de ensino-aprendizagem. É de se considerar o peso que as emoções possuem tanto positivamente quanto negativamente e como consequência, o estado emocional do aluno passa a ser afetado. Podemos concluir neste trabalho que as emoções e a afetividade estão presentes em todos os processos pedagógicos, ainda que por algumas vezes passe despercebido pelos professores. Dessa forma é necessário que as práticas pedagógicas possuam o intuito de afetar positivamente o aluno em sala de aula. As relações pessoais que são construídas durante a vida do aluno dentro e fora da vida escolar (aprendizagem formal) servirão de base para formação da sua personalidade. Ao enfrentar os desafios, todas as emoções são reconstruídas ao longo do caminho, possibilitando reestruturação psíquica em conjunto com o amadurecimento cognitivo.

Não é fácil lidar com emoções, porém aprender a lidar com elas é inevitável e necessário. Através dos estudos, entendemos que as emoções influenciam cognitivamente o processo de aquisição de conhecimento e nos coloca, enquanto profissionais da educação, o desafio de repensar nossas práticas educativas. Considerando a sala de aula o local mais favorecido e repleto de expressões emocionais, o docente poderá procurar entender o processo vivenciado pelo aluno para fazer disso um diferencial nas práticas educativas tornando o aprendizado significativo.

As experiências obtidas durante a pesquisa concluem que a afetividade por intermédio das relações pactuadas onde o indivíduo vive e atua passam por diversas alterações. Toda sua vivência, experiência, cultura e toda sua construção realizada individualmente ou em grupo recebem um novo olhar referente às relações interpessoais.



Com intuito de auxiliar as práticas pedagógicas, a pesquisa conclui que é necessário atenção pedagógica, mas também psicológica para com o aluno, portanto, é imprescindível considerar a emoção no processo de ensino-aprendizagem que necessita conciliar com as práticas pedagógicas para que haja progresso tanto do aluno quanto do professor em seus objetivos educacionais.

Referências

- ALMEIDA, A. R. S. *A emoção na sala de aula*. Campinas: Papirus, 1999.
- ARANTES, V.A. *A afetividade no Cenário da Educação*. In: OLIVEIRA, M.K. Souza D.T.R & Rego T.C (Orgs), *Psicologia, educação e temáticas da vida contemporânea*. São Paulo: Moderna, 2003.
- BRAGA, L. L.; DELL'AGLIO, D. D. Suicídio na adolescência: fatores de risco, depressão e gênero. *Contextos Clínicos*, 6(1):2-14, janeiro-junho 2013.
- CAMARGO, D. de. *As emoções & a escola*. Curitiba: Travessa dos Editores, 2004.
- DANTAS, H. (1992) *Afetividade e a construção do sujeito na psicogenética de Wallon*, em La Taille, Y., Dantas, H., Oliveira, M. K. Piaget, Vygotsky e Wallon: teorias psicogenéticas em discussão. São Paulo: Summus Editorial Ltda.
- DARWIN, C. *A expressão das emoções no homem e nos animais*. Trad. de L. de S. Lobo Garcia. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- DAMÁSIO, A. *O mistério da consciência: do corpo e das emoções ao conhecimento de si*. Trad. Laura Teixeira Motta. São Paulo, Companhia das Letras, 2000.
- FERNANDÉZ, A. *A inteligência aprisionada*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.
- FRAGA, A. *Henri Wallon e a Educação Contemporânea*. Acesso em 03.08.2019, disponível em Scholar Google:
https://semanaacademica.org.br/system/files/artigos/wallon_contemporaneidade_correcao_1.pdf
- FREIRE, P. *Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, P. *Educação e Mudança*. Tradução de Moacir Gadotti e Lilian Lopes Martin. Rio de Janeiro. Ed. Paz e Terra, 1983. Coleção Educação e Comunicação Vol.1.



GALVÃO, I. *Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil*. Petrópolis: Vozes, 2011.

GOLEMAN, D. *Inteligência emocional: a teoria revolucionária que define o que é ser inteligente*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

LA TAILLE, Y. *Desenvolvimento do juízo moral e a afetividade na teoria de Jean Piaget*. In: LA TAILLE, Y et al. *Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão*. São Paulo: Summus, 1992.

LIBÂNEO, J. C. *Didática*. São Paulo: Cortez Editora, 1994.

MATURANA, H; VARELA, F.J. *A árvore do conhecimento: bases biológicas da compreensão humana*. Trad. Humberto Mariotti e Lia Diskin. São Paulo: São Paulo: Palas Athena, 2001.

MATURANA, R. H.; ZOLLER, G.V. *Amar e brincar: fundamentos esquecidos do humano do patriarcado à democracia*. São Paulo: Palas Athena, 2004.

MILLER, J. A. *O livro de referência para a depressão infantil*. São Paulo: M. Books do Brasil Editora Ltda., 2003.

MURRAY, Edward I. *Motivação e emoção*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967.

NUNES, V. *O papel das emoções na educação*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009.

PIAGET, J. A. *Equilibração das estruturas cognitivas*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1983.

PINO, A. *O biológico e o cultural nos processos cognitivos, em Linguagem, cultura e cognição: reflexão para o ensino de ciências*. Campinas: gráfica da Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, 1997.

SALTINI, Claudio J. P. *Afetividade e inteligência*. Rio de Janeiro: Wak, 2008.

SAFATLE, V. *O circuito dos afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo*. 1.ed. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

TEIXEIRA, M. *Diversidade étnico-racial na educação infantil: entre concepções e práticas*. Acesso em 19/07/2019, disponível em Catálogo de Teses e Dissertações: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=5948164.

VYGOTSKY, L. S. *Psicologia pedagógica*. Porto Alegre: Artmed, 2003.

VYGOTSKY, L. S. *A Formação Social da Mente*. 5.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

WALLON, H. *A criança turbulenta: estudo sobre os retardamentos e as anomalias do desenvolvimento motor e mental*. Trad. Gentil Avelino Tilton, Petrópolis: Vozes (2007).



WALLON, H. *As origens do caráter na criança*. Trad. Patrícia Junqueira. São Paulo: Ática, 1986.

WALLON, H. *A evolução psicológica da criança*. Trad. Patrícia Junqueira. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

WALLON, H. *A evolução psicológica da criança*. Trad. Ana Maria Bessa. São Paulo: Martins Fontes, 1968.

WALLON, H. *Do ato ao pensamento: Ensaio da psicologia comparada*. Trad. Gentil Avelino Tilton, Petrópolis: Vozes, 2008.